

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

GUILHERME BELAFRONTA PRADO

*Crime e Castigo* DE EVANDRO CARLOS JARDIM:  
UMA ANÁLISE DE TRABALHOS ARTÍSTICOS QUE ILUSTRAM A OBRA DE  
DOSTOIÉVSKI.

UBERLÂNDIA

2019

GUILHERME BELAFRONTA PRADO

*Crime e Castigo* DE EVANDRO CARLOS JARDIM:  
UMA ANÁLISE DE TRABALHOS ARTÍSTICOS QUE ILUSTRAM A OBRA DE  
DOSTOIÉVSKI.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao  
Curso de Artes Visuais como requisito parcial  
para obtenção do grau Bacharel em Artes  
Visuais pela Universidade Federal de  
Uberlândia.

Orientador: Alexander Gaiotto Miyoshi

UBERLÂNDIA

2019

GUILHERME BELAFRONTA PRADO

UMA ANÁLISE DE TRABALHOS ARTÍSTICOS QUE ILUSTRAM A OBRA DE  
DOSTOIÉVSKI, *Crime e Castigo*

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao  
Curso de Artes Visuais como requisito parcial  
para obtenção do grau Bacharel em Artes  
Visuais pela Universidade Federal de  
Uberlândia.

Orientador: Alexander Gaiotto Miyoshi

Banca de avaliação:

---

Prof. Dr. Alexander Gaiotto Miyoshi

Professor orientador/avaliador

---

Prof. Dr. Marco Antonio Pasqualini de Andrade

Professor avaliador

---

Prof. Dr. Fabio Fonseca

Professor avaliador

UBERLÂNDIA

2019

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente aos meus pais que perduram na luta diária de manter um filho financeiramente e emocionalmente à distância para seus estudos, pelo amor e pela educação que me deram e que nunca me faltaram. À minha companheira, namorada e melhor amiga, Eloiza, que me motiva diariamente através da sua perseverança na vida e pelo amor. À Instituição que me acolheu, a UFU, ao Curso de Artes Visuais, professores, técnicos e colegas que me auxiliaram, e é claro, ao meu orientador, Prof. Dr. Alex Miyoshi, que através do seu vasto conhecimento, paciência e competência me apoiou na escolha do tema e no desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso. Também ficam meus agradecimentos à Regina Berjuhy Bertizlian, da Galeria Augôsto Augusta, de São Paulo, que se dispôs a intermediar um encontro com Evandro Carlos Jardim, que infelizmente não pôde ocorrer devido ao conflito de horários. E por último, agradecer à Editora 34 que se disponibilizou a me enviar um exemplar de *O Idiota*, livro ilustrado por Oswaldo Goeldi ainda não digitalizado em sua totalidade online, que infelizmente não pôde ser incluído nesta monografia pelo desejo de nos mantermos focados ao trabalho de Evandro Carlos Jardim em *Crime e Castigo*.

## RESUMO

Busca-se realizar uma análise das variadas ilustrações artísticas à obra de Fiodor Dostoiévski, escritor russo do séc. XIX que transcreveu para o papel, através de sua própria poética, o que mais lhe importava e era relevante sobre o período conturbado pelo qual passava seu país natal, a Rússia, além de questões próprias ao indivíduo. Mais especificamente no livro *Crime e Castigo*, foco principal desta monografia, temos não só a contextualização histórica como também as indagações aos comportamentos, sobretudo um olhar ao espírito humano e a conceitos éticos e morais.

Dos artistas aqui abordados, Evandro Carlos Jardim é o referencial primário devido à sua diferença estilística e à acessibilidade à edição, sendo também um artista brasileiro e ainda ativo, posto em diálogo com os também brasileiros Oswaldo Goeldi e Tomás Santa Rosa e aos russos Benjamin Kopman e Mikhail Shemyakin, entre outros. Estes artistas e suas ilustrações para as obras de Dostoiévski serão utilizados para exemplificar a pluralidade de interpretações artísticas e exacerbar a diferença com Jardim.

Palavras chave: Dostoiévski, Crime e Castigo, Evandro Carlos Jardim, Gravura.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Reprodução de calco gravura em <i>off set</i> , 15,5 x 25,5cm. In: Dostoiévski, Crime e Castigo, página 21.....	12
Figura 2: Reprodução de Xilogravura em <i>off set</i> de Jardim, 15,5 x 25,5cm. In: Dostoiévski, Crime e Castigo, página 105.....	12
Figura 3: Reprodução de calcogravura em <i>off set</i> , 15,5 x 25,5cm. In: Dostoiévski, Crime e Castigo, página 201.....	13
Figura 4: Reprodução de calcogravura em <i>off set</i> , 15,5 x 25,5cm. In: Dostoiévski, Crime e Castigo, página 280.....	13
Figura 5: Reprodução de calcogravura em <i>off set</i> , 15,5 x 25,5cm. In: Dostoiévski, Crime e Castigo, página 331.....	14
Figura 6 Reprodução de calco gravura em <i>off set</i> , 15,5 x 25,5cm. In: Dostoiévski, Crime e Castigo, página 365.....	14
Figura 7: Reprodução de Xilogravura em <i>off set</i> de Jardim, 15,5 x 25,5cm. In: Dostoiévski, Crime e Castigo, página 525.....	15
Figura 8: Reprodução de calco gravura em <i>off set</i> , 15,5 x 25,5cm. In: Dostoiévski, Crime e Castigo, página 532.....	15
Figura 9: Reprodução de calco gravura em <i>off set</i> , 15,5 x 25,5cm. In: Dostoiévski, Crime e Castigo, página 545.....	16
Figura 10: Reprodução de calco gravura em <i>off set</i> , 15,5 x 25,5cm. In: Dostoiévski, Crime e Castigo, página 551.....	16
Figura 11 Reprodução de calco gravura em <i>off set</i> , 15,5 x 25,5cm. In: Dostoiévski, Crime e Castigo, página 560.....	17
Figura 12: Sem Título, Xilogravura, 12 x 18 cm. Ass. Inf. Direito para o livro Recordações da casa dos mortos de Fíodor Dostoiévski, 1943.....	19
Figura 13: Sem título, Xilogravura, Ass. Inf. Direito para o livro Recordações da casa dos mortos de Fíodor Dostoiévski, 1943.....	19
Figura 14: Vassourada, Oswaldo Goeldi, Xilogravura, 28.50 cm x 35.00cm, 1945, Acervo Frederico Mendes de Moraes.....	20
Figura 15: Pescadores, Oswaldo Goeldi, Xilogravura, 26.60cm x 39.50cm, 1950, Acervo Banco Itaú.....	20
Figura 16: O Ladrão, Oswaldo Goeldi, Xilogravura, 30.80 cm x 25.00 cm, 1955, Acervo Banco Itaú.....	21

Figura 17: Capa para Crime e Castigo, Tomás Santa Rosa, Livraria José Olympio Editora, 1949. .....	22
Figura 18: Mikhail Shemyakin, Sketch para ballet baseado na obra Crime e Castigo, Aquarela, 1985. ....	23
Figura 19: Mikhail Shemyakin, Ilustração para o livro Crime e Castigo de Dostoievski, 1964. .....	24
Figura 20: Mikhail Shemyakin, Raskolnikov and the old lender: Raskolnikov's dream. 1964. .....	24
Figura 21: Mikhail Shemyakin, Raskolnikov and the old lender (Ilustração para o livro Crime e Castigo), 1967.....	25
Figura 22: Mikhail Shemyakin, Sem Título, Ilustração para o livro Crime e Castigo. 1964. .	25
Figura 23: Mikhail Shemyakin, Confession on the square. 1965.....	26
Figura 24: Capa para Crime e Castigo, Benjamin Kopman, 24,6 x 16,3, 1954 .....	27
Figura 25: 2 Trabalhos: Ilustrações para Crime e Castigo, Benjamin Kopman, Carvão e tinta sobre papel, 27 x 19.1 cm, Petro Jacyk Collection. ....	27
Figura 26: Crime and Punishment, Benjamin Kopman, 1956, Petro Jacyk Collection. ....	28
Figura 27: Autorretrato, Evandro Carlos Jardim, Gravura em Metal (Água-forte e Água-tinta), s.d., Coleção do Artista. Fonte: <a href="http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra65683/auto-retrato">http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra65683/auto-retrato</a> Acesso em 09/12/2019 .....	29
Figura 28: <i>Um dia de Vento</i> , Evandro Carlos Jardim, Gravura em Metal (Água-forte e Água-tinta), 1956, Coleção do Artista. ....	30
Figura 29: Atravessando duas vezes o mesmo rio, Evandro Carlos Jardim, 2011.....	30
Figura 30: Honoré Daumier, <i>Os emigrantes</i> , c.1855, gesso, 37 x 77 cm, MASP, São Paulo. .	33
Figura 31: Honoré Daumier, <i>Emigrantes</i> , 1849, óleo sobre tela, 38,7 x 68,5 cm, Institut of Art, Minneapolis. ....	33
Figura 32: Sem título, Lasar Segall, Xilogravura, 23 x 29 cm. ....	35
Figura 33: Ismael Nery, <i>Figura</i> , 1927, óleo sobre tela, 105 x 69,2cm, MAC-USP, São Paulo. .....	36
Figura 34: Dante Gabriel Rossetti, Perfil de cabeça de mulher, 1861, desenho, V&A Museum, Londres.....	39
Figura 35: Dante Gabriel Rossetti, Retrato de Jane Morris, 1865, desenho, 31,5 x 34,5 cm, coleção particular.....	39
Figura 36: Dante Gabriel Rossetti, Perfil de Elizabeth Sidall, desenho, Birmingham Museum. .....	40

Figura 37: Dante Gabriel Rossetti, Estudo da cabeça de Marie Spartali Stillman, desenho, 1870, 54 x 61 cm. ....	40
Figura 38: Odilon Redon, Um olho flutuante no céu sobre a montanha, gravura em metal, 1888. ....	44
Figura 39: Odilon Redon, Olho vegetal, c.1885, desenho. ....	44
Figura 40: The Blue Rider, Kandinsky, 1903, Óleo sobre tela, 52.1 × 54.6 cm.....	48



**SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>OS ILUSTRADORES DE <i>CRIME E CASTIGO</i>.....</b>	<b>18</b>
OSWALDO GOELDI.....	18
TOMÁS SANTA ROSA .....	22
MIKHAIL SHEMYAKIN.....	23
BENJAMIN KOPMAN.....	26
EVANDRO CARLOS JARDIM, UMA BREVE BIOGRAFIA.....	28
<b>UMA ANÁLISE DAS OBRAS DE EVANDRO CARLOS JARDIM PARA <i>CRIME E CASTIGO</i>.....</b>	<b>31</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>57</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>58</b>

## INTRODUÇÃO

*Crime e Castigo* foi publicado pela primeira vez na Rússia em 1865 e é tido como uma das obras primas de Fiodor Dostoiévski, escritor russo nascido em novembro de 1821 e falecido em fevereiro de 1881.<sup>1</sup> No livro temos um protagonista que reflete muito a vida do escritor e a época em que viveu, um homem inteligente, que se encontra na miséria e decide por fazer algo a respeito de sua pobreza, seguindo seus próprios conceitos éticos e morais. Nele, como já denota o título, ocorre um crime e o subsequente castigo. Utilizado quase como um personagem do livro, o castigo traz ao leitor todo o sofrimento do protagonista, e é personificado pelo próprio criminoso, tomando a maior parte das páginas do livro. O leitor vê o protagonista colhendo os frutos amargos do que fez e, ao final, a sua redenção. Este é um livro que foi e acredito que ainda seja utilizado para restituir pessoas ao convívio em sociedade, um livro poderoso com um final tocante e profundo. Na Rússia, o século XIX foi um período conturbado em grande parte pela modernização e pela separação de castas, que se por um lado contribuíam para o sofrimento do povo por outro beneficiou a ascensão da literatura no país, com número elevado de ótimos autores sendo um dos principais, com um imenso público mesmo em sua época, o próprio Dostoiévski.

Diversos artistas compuseram suas interpretações à literatura de Dostoiévski, porém nos deteremos especialmente ao trabalho de Evandro Carlos Jardim, pois o considero mais acessível (é possível encontrar facilmente exemplares do livro à venda ou em bibliotecas), incomum e estimulante, em comparação ao de outros como Oswaldo Goeldi, Tomás Santa Rosa, Benjamin Kopman e Mikhail Shemyaki (cujas imagens somente pude ver por meio digital, na internet). A análise principalmente se dá no modo em que utilizaram linguagens diferentes e seguindo características específicas que acompanham a narrativa, resultando em traços, composições de cena e escolhas por personagens ou situações distintas.

A edição brasileira do livro *Crime e Castigo*, de Dostoiévski, da Editora 34, conta com onze ilustrações do artista, concebidas tanto em xilogravura quanto gravura em metal. Elas carregam consigo uma gama de significados que tem como objetivo, ao meu ver, fazer o leitor mergulhar no âmago dos dilemas trabalhados no livro.

Os dilemas de *Crime e Castigo*, se desenvolvem a partir do protagonista Rodion Românovitch Raskólnikov, chamado apenas por Raskolnikov ou Ródia entre seus entes mais

---

1 DÓRIA, Renato Palumbo. Oswaldo Goeldi, Ilustrador de Dostoiévsky.

próximos, um homem de 23 anos que se encontra em extrema pobreza, vivendo apenas com parte do dinheiro que sua mãe recebe do governo. Raskolnikov é um homem muito inteligente, o que é percebido por diversos personagens, e se considera um gênio. Ex-estudante, vive na cidade de São Petersburgo, Rússia, em um pequeno quarto alugado. Dorme em um divã sobre roupas velhas que utiliza como travesseiro. É um personagem neurótico, depressivo, devido à sua situação financeira e emocional, e que tem como ídolo Napoleão Bonaparte. Dostoiévski o descreve como alguém de “delicadas feições”, que transita entre a extrema apatia e o altruísmo heroico. Ródia penhora seus itens a uma velha usurária, chamada de Aliona Ivanovna, uma senhora ranzinza e de má fé. Ele acaba, após diversos abusos de Ivanovna, decidindo matá-la e roubá-la, pois para ele, Ivanovna não passa de um “piolho” social, que não faria falta a ninguém. Após assassiná-la e ainda na cena do crime, ele acaba se deparando com um imprevisto: a irmã desta senhora, Lisavieta, acabou por testemunhar o que aconteceu. Ródia a considerava diferente de sua irmã. Com medo e assustado do que poderia acontecer, ele acaba por matá-la também, causando grande dano à sua sanidade mental. Matou ambas com um machado, e estando em choque acaba escondendo a caixa de itens valiosos de Aliona Ivanovna, o seu objeto-alvo primário para o roubo. Durante toda a narrativa do livro é então descrito como sua mente se deteriora pelo imprevisto de seu crime, como o medo de ir preso e enviado à Sibéria o domina, agravando-se gradualmente através da trama. Após cometer o crime, começam as investigações e diversos personagens enriquecem a trama, até chegarmos à redenção de Raskolnikov ao final do livro.

Todas as imagens que se encontram no livro *Crime e Castigo*, publicado em 2001 pela Editora 34, foram analisadas junto ao texto. Em um primeiro momento, foi feita a leitura do livro e as ilustrações foram vistas sem aprofundamento de análise. Em um segundo momento, passei a olhá-las de maneira mais específica e técnica. Como Jardim utilizou seus traços? Por que escolheu tal ilustração em determinado lugar narrativo do livro? Qual a técnica utilizou e o que quis enfatizar através de sua ilustração? Escaneei as imagens e adicionei as legendas de uma maneira padronizada, deixando claro que se trata de uma impressão em *off set*. As demais ilustrações presentes nesta monografia foram retiradas da internet.



Figura 1: Reprodução de calco gravura em *off set*, 15,5 x 25,5cm. In: Dostoiévski, Crime e Castigo, página 21.

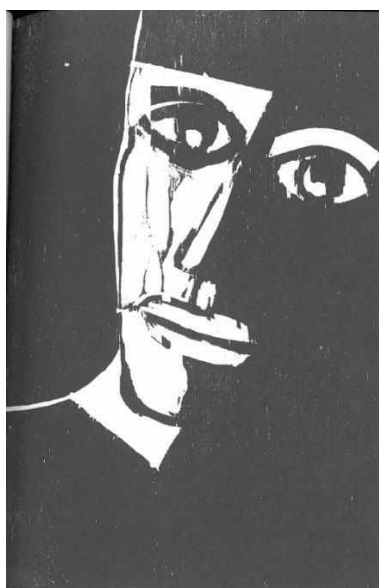


Figura 2: Reprodução de Xilogravura em *off set* de Jardim, 15,5 x 25,5cm. In: Dostoievski, Crime e Castigo, página 105.



Figura 3: Reprodução de calcogravura em *offset*, 15,5 x 25,5cm. In: Dostoiévski, Crime e Castigo, página 201.



Figura 4: Reprodução de calcogravura em *offset*, 15,5 x 25,5cm. In: Dostoiévski, Crime e Castigo, página 280.



Figura 5: Reprodução de calcogravura em *off set*, 15,5 x 25,5cm. In: Dostoiévski, Crime e Castigo, página 331.



Figura 6 Reprodução de calco gravura em *off set*, 15,5 x 25,5cm. In: Dostoiévski, Crime e Castigo, página 365.



Figura 7: Reprodução de Xilogravura em *offset* de Jardim, 15,5 x 25,5cm. In: Dostoievski, Crime e Castigo, página 525.



Figura 8: Reprodução de calco gravura em *offset*, 15,5 x 25,5cm. In: Dostoiévski, Crime e Castigo, página 532.

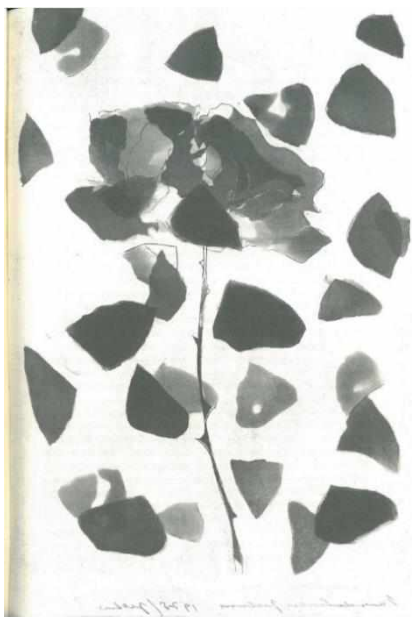


Figura 9: Reprodução de calco gravura em *offset*, 15,5 x 25,5cm. In: Dostoiévski, Crime e Castigo, página 545.



Figura 10: Reprodução de calco gravura em *offset*, 15,5 x 25,5cm. In: Dostoiévski, Crime e Castigo, página 551.



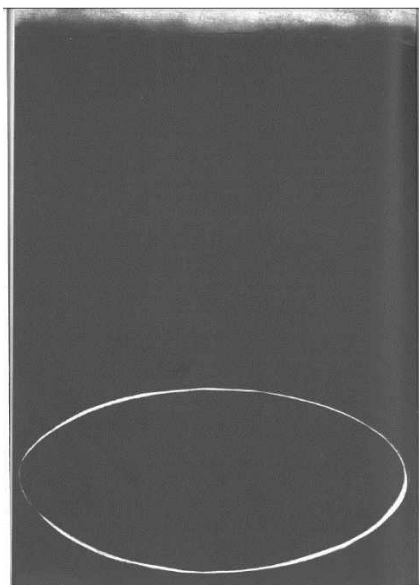


Figura 11 Reprodução de calco gravura em *off set*, 15,5 x 25,5cm. In: Dostoiévski, Crime e Castigo, página 560

As gravuras de Jardim serão postas em diálogo com as de artistas ao mesmo romance ou a outros de Dostoiévski, assim como a obras de arte que possam a elas se relacionar. O método usado aqui se pauta em análises de imagens comparadas, inspirado nas lições de historiadores como Carlo Ginzburg e Jorge Coli, por sua vez pautados nos estudos de Aby Warburg e outros autores.<sup>2</sup> Trata-se de uma prática em história da arte que vem aumentando, sobretudo estimulada por pesquisadores da Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, e Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF, entre outras.

Algo que me ajudou muito no processo de análise, além das referências metodológicas citadas foi ter participado no último semestre letivo da disciplina “Como ler imagens?”, ministrada pelo professor Alex Miyoshi. Na matéria, aprendemos a interpretar e sinalizar os aspectos importantes não só de obras de arte bidimensionais como pinturas, pôsteres e desenhos, mas até mesmo de autores como Julio Cortázar e o seu conto *Las Babas Del Diablo*, que inspirou o filme *Blow-Up*, de Michelangelo Antonioni. Também foram importantes as reuniões feitas no grupo de estudos de história da arte e arte conduzido pelo professor Alex, que reuniu interessados principalmente da graduação no nosso curso, contando ainda com a participação da Profa. Ms. Maria Carolina Boaventura.

---

2 Ver COLI, 2010, p. 11-14, e GINZBURG, 2014, p. 7-12.

As gravuras de Jardim serão postas em diálogo com as de artistas ao mesmo romance ou a outros de Dostoiévski, assim como a obras de arte que possam a elas se relacionar. O método usado aqui se pauta em análises comparativas de imagens, inspirado nas lições de historiadores como Carlo Ginzburg e Jorge Coli, por sua vez pautados nos estudos de Aby Warburg e outros autores.<sup>3</sup>

## OS ILUSTRADORES DE *CRIME E CASTIGO*

### Oswaldo Goeldi

Oswaldo Goeldi, artista brasileiro, desenhista, ilustrador, gravador, químico e professor, ilustrou as obras de Dostoiévski entre as décadas de 1940 e 60.<sup>4</sup> As ilustrações foram publicadas pela José Olímpio Editora. As 94 gravuras de Goeldi ilustraram os livros *Humilhados e Ofendidos*, *Memórias do Subsolo*, *O Idiota* e *Recordações da Casa dos Mortos*, de Dostoiévski, e em minha leitura se distinguem não só na técnica, xilogravura (em contraponto à gravura em metal, que é mais recorrente na obra de Evandro Carlos Jardim) como no que diz respeito ao “clima” dos livros. Nas ilustrações de Jardim, bem como na literatura de Dostoiévski, na tradução de Paulo Bezerra, o que parece chamar mais a atenção é o espírito humano em conflito consigo mesmo. São as nuances de sentimentos que resultam em gestos e uma realidade mais crua do que a própria realidade, de maneira sensorial, vivenciadas pelo protagonista Raskolnikov, que se projetam em toda a sociedade. Em Goeldi, por outro lado, embora as sensações também importem, por meio tanto do resultado técnico da xilogravura quanto talvez da visão do artista, a escuridão passa a ganhar protagonismo em suas obras, muito mais do que os tons de cinza. O sujeito com seus questionamentos internos, bem como as vidas humanas ainda estão em foco, mas de uma maneira menos matizada e mais objetiva. É claro que isto não é regra no trabalho de Goeldi, que produziu também obras mais abstratas e subjetivas. Porém, há nele algo de prosaico que não encontramos em Jardim. Seguem alguns exemplos de suas ilustrações:

---

<sup>3</sup>Ver COLI, 2010, p. 11-14, e GINZBURG, 2014, p. 7-12.

<sup>4</sup> Para análises maiores às gravuras de Goeldi à obra de Dostoiévski, ver DÓRIA, 1998.



Figura 122: Sem Título, Xilogravura, 12 x 18 cm. Ass. Inf. Direito para o livro *Recordações da casa dos mortos* de Fiodor Dostoiévski, 1943.



Figura 13: Sem título, Xilogravura, Ass. Inf. Direito para o livro *Recordações da casa dos mortos* de Fiodor Dostoiévski, 1943.

Fonte: <http://pigmento.art.br/em-exibicao/goeldi-e-dostoiievski-por-oswaldo-goeldi/> Acesso em 09/12/2019



Figura 14: *Vassourada*, Oswaldo Goeldi, Xilogravura, 28.50 cm x 35.00cm, 1945, Acervo Frederico Mendes de Moraes.

Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10588/oswaldo-goeldi> Acesso em 09/12/2019



Figura 15: *Pescadores*, Oswaldo Goeldi, Xilogravura, 26.60cm x 39.50cm, 1950, Acervo Banco Itaú.

Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10588/oswaldo-goeldi> Acesso em 09/12/2019



Figura 16: *O Ladrão*, Oswaldo Goeldi, Xilogravura, 30.80 cm x 25.00 cm, 1955, Acervo Banco Itaú

Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10588/oswaldo-goeldi> Acesso em 09/12/2019

Nas ilustrações de Goeldi para o livro *Recordações da casa dos mortos* vemos como ele utiliza a xilogravura para criar uma atmosfera mais sombria e soturna, destoante do estilo de Jardim. Embora Jardim também utilize a xilogravura, com a característica de forte contraste que o pigmento preto acentua, não o faz da maneira dramática de Goeldi, mas sim lírica. Goeldi, por sua vez, em alguns casos, utiliza até mesmo o pigmento vermelho para contrastar com o preto, o que em minha opinião faz carregar mais ainda o clima tenso na composição.

## Tomás Santa Rosa

Tomás Santa Rosa, ou apenas Santa Rosa, foi um cenógrafo, artista gráfico, ilustrador, pintor, gravador, professor e trabalhou em diversas atividades que não estão diretamente ligadas à sua produção artística.<sup>5</sup> Nascido em setembro de 1909 e falecido em novembro de 1956, fez a capa de uma das edições de *Crime e Castigo*, reproduzida a seguir:



Figura 17: Capa para *Crime e Castigo*, Tomás Santa Rosa, Livraria José Olympio Editora, 1949.

Nesta xilogravura, Tomás Santa Rosa representa Raskolnikov, protagonista do livro, no momento que mudará toda sua vida, justamente quando vai para a casa da senhora que intenciona matar e roubar, talvez no momento do crime, com o machado em mãos e tentando esconder sua identidade, olhando para as famosas domas russas que marcam a cidade, envolta em vermelho como se elas o tivessem visto na hora do crime. A gravura explora os efeitos dos riscos na madeira, cujo jogo de luz e sombra faz acentuar ainda mais a sensação de que Raskolnikov teme ser pego, ou de que se ocupa desde já dos sentimentos que o tomarão dali por diante.

---

5 BUENO, Luís. *Capas de Santa Rosa*.

## Mikhail Shemyakin

Mikhail Shemyakin nasceu em Moscou no ano de 1943, passou sua infância na Alemanha, em 1957 se mudou para Leningrad com seus pais e tempos depois, se refugiou em Paris, aonde ganhou notoriedade como artista. Em 1981 se mudou para os Estados Unidos e passou a viajar pelo mundo com suas peças de teatro e exposições de arte.

Não foram encontrados muitos dados sobre o artista em questão, mas sua maneira de ilustrar tem algo de surrealista e expressionista ao mesmo tempo: as casas amontadas, figuras humanas distorcidas (o que pode até mesmo influenciar na dramaticidade) e o uso de poucas cores, tendendo para o monocromático. Na figura 7 Shemyakin utiliza tons mais vivos, como os amarelos para destacar o quarto de Raskolnikov, dando a impressão de uma pintura estar dentro da outra, em contraponto a Jardim que através da monocromia de suas gravuras, tende a utilizar a luz e sombra como artifício dramático. Algumas das imagens a seguir representam esboços destinados a uma peça de teatro/ballet, algo muito profícuo na produção de Shemyakin.

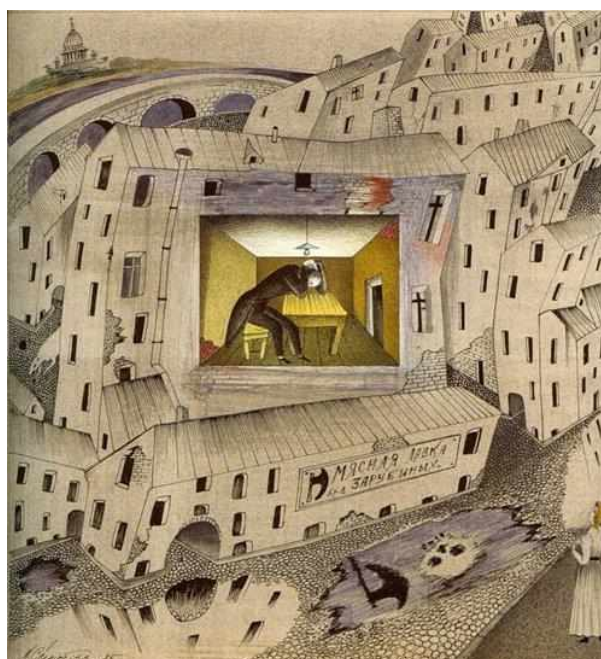


Figura 18: Mikhail Shemyakin, *Sketch* para ballet baseado na obra *Crime e Castigo*, Aquarela, 1985.

Fonte: <http://www.arteveryday.org/mixail-shemyakin-chast-1-illyustracii/> Acesso em 09/12/2019



Figura 19: Mikhail Shemyakin, Ilustração para o livro *Crime e Castigo* de Dostoievski, 1964.

Fonte: <http://www.arteveryday.org/mixail-shemyakin-chast-1-illyustracii/> Acesso em 09/12/2019



Figura 20: Mikhail Shemyakin, *Raskolnikov and the old lender: Raskolnikov's dream*. 1964.

Fonte: <http://www.arteveryday.org/mixail-shemyakin-chast-1-illyustracii/> Acesso em 09/12/2019





Figura 21: Mikhail Shemyakin, *Raskolnikov and the old lender* (Ilustração para o livro Crime e Castigo), 1967.

Fonte: <http://www.arteveryday.org/mixail-shemyakin-chast-1-illyustracii/> Acesso em 09/12/2019



Figura 13: Mikhail Shemyakin, Sem Título, Ilustração para o livro Crime e Castigo. 1964.

Fonte: <http://www.arteveryday.org/mixail-shemyakin-chast-1-illyustracii/> Acesso em 09/12/2019



Figura 14: Mikhail Shemyakin, *Confession on the square*. 1965.

Fonte: <http://www.arteveryday.org/mixail-shemyakin-chast-1-illyustracii/> Acesso em 09/12/2019

## Benjamin Kopman

Pintor e gravurista, Benjamin Kopman nasceu em Vitebsk, Rússia, e emigrou para os Estados Unidos com sua família em 1903.<sup>6</sup> Estudou na Academia Nacional de Arte da América do Norte, por dois anos. Em sua produção envolvendo *Crime e Castigo*, Kopman produziu a capa da versão publicada em 1954 nos Estados Unidos (figura 13). Sua capa não possui ilustrações de fatos ou personagens que permeiam a literatura, porém, sua cor vermelha (assim como na capa de Tomás Santa Rosa), pode sugerir uma alusão ao sangue dos assassinatos no livro e contribui para uma espécie de suspense manifestado desde o projeto gráfico. Além disso, o estilo da capa alude ao abstracionismo artístico da década de cinquenta recorrente sobretudo nos livros publicados nos Estados Unidos.

Kopman também produziu ilustrações para *Crime e Castigo*. Nas figuras 14 e 15 utilizou carvão e tinta sobre papel, representando momentos aparentemente específicos do livro. Vemos nelas uma representação mais realista e devido a maneira que Dostoievski trabalha a questão da pobreza, “suja”, sem traços enfaticamente dramáticos, atentando-se aos personagens e não muito ao fundo da cena, embora o fundo seja, nos três casos, muito bem detalhado.

<sup>6</sup> <https://brierhillgallery.com/benjamin-kopman>. Acessado em 06/12/2019

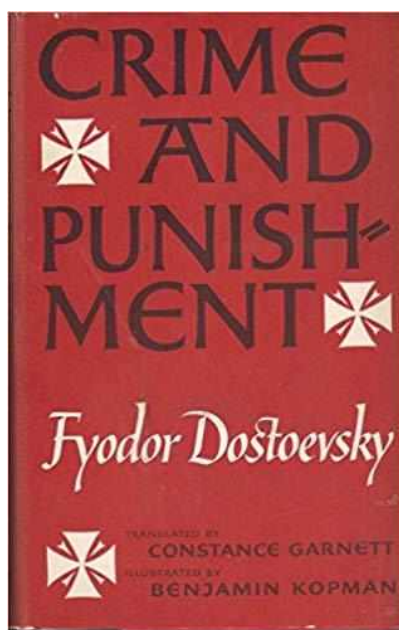


Figura 15: Capa para Crime e Castigo, Benjamin Kopman, 24,6 x 16,3, 1954

Fonte: <https://www.amazon.com/Crime-Punishment-Illustrated-Fyodor-Dostoevsky/dp/B0010OI6FG>  
 Acesso em 09/12/2019



Figura 16: 2 Trabalhos: Ilustrações para Crime e Castigo, Benjamin Kopman, Carvão e tinta sobre papel, 27 x 19.1 cm, Petro Jacyk Collection.

Fonte: <https://www.phillips.com/detail/benjamin-d-kopman/NY010310/273> Acesso em 09/12/2019



Figura 26: Crime and Punishment, Benjamin Kopman, 1956, Petro Jacyk Collection.

Fonte: <https://exhibits.library.utoronto.ca/items/show/1849> Acesso em 09/12/2019

Uma grande diferença de todas essas ilustrações em comparação com as de Jardim deve ser ressaltada desde já: tanto a arquitetura quanto as roupas parecem mais ou menos inspiradas em algo da época, de meados ou final do século XIX. Veremos que Evandro Carlos Jardim não utiliza esse recurso e, pelo contrário, reduz a um mínimo ou nada as referências ao período representado por Dostoiévski. Outra diferença: Santa Rosa detalha muito mais a figura de Raskolnikov, enquanto Jardim representa apenas um rosto sem identidade definida, quase uma máscara, como veremos depois, para que, talvez, o leitor possa também se ver na situação do protagonista.

### **Evandro Carlos Jardim, uma breve biografia**

Evandro Carlos Frascá Poyares Jardim, artista nascido em 1935, ingressou na Escola de Belas Artes de São Paulo em 1953. Suas gravuras, desenhos e pinturas exprimem seu espírito artístico, sendo algumas delas interpretações de obras literárias populares. A 9ª Bienal Internacional de Arte em São Paulo, de 1967, expôs suas gravuras. A Pinacoteca do Estado de

São Paulo detém produções do artista em seu acervo, assim como diversos museus no Brasil e no exterior, como em Madri, Bruxelas e Tóquio. Evandro Carlos Jardim também construiu uma trajetória acadêmica; é Mestre e Doutor pela Universidade de São Paulo, foi docente em várias instituições, como a Escola de Belas Artes, a Fundação Armando Álvares Penteado (Faap) e a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Realizou leilões de suas obras durante o regime militar para ajudar os familiares de presos políticos e colaborou para o movimento de anistia política. Jardim frequentou o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP) e conviveu com personagens importantes para o modernismo artístico da cidade de São Paulo, dentre os quais Sérgio Milliet. Ministra ainda hoje aulas de gravura em metal no SESC Pompéia e de desenho na Galeria Augôsto Augusta, na cidade de São Paulo.

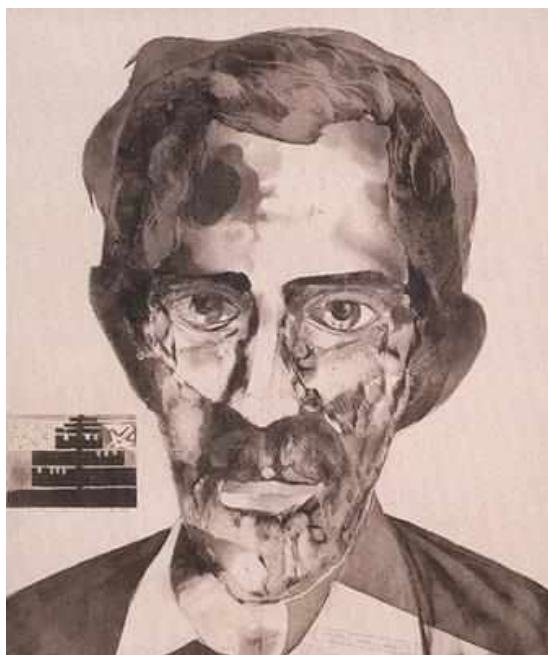


Figura 27: Autorretrato, Evandro Carlos Jardim, Gravura em Metal (Água-forte e Água-tinta), s.d., Coleção do Artista. Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra65683/auto-retrato> Acesso em 09/12/2019

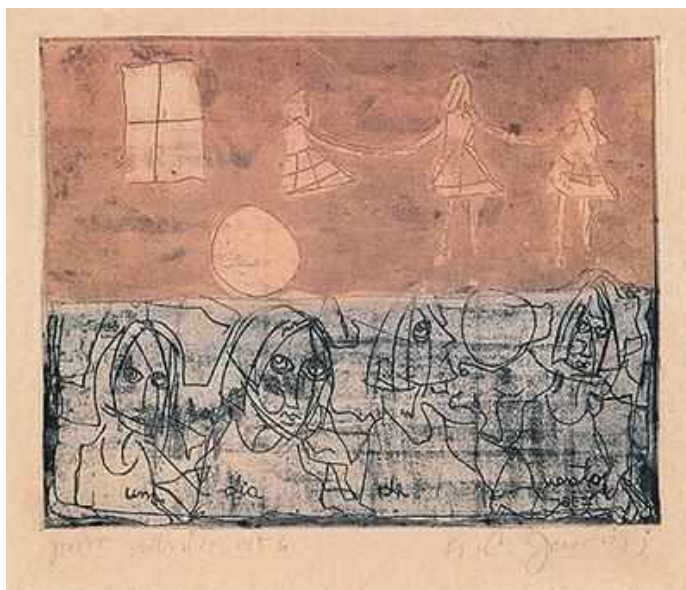


Figura 2817: *Um dia de Vento*, Evandro Carlos Jardim, Gravura em Metal (Água-forte e Água-tinta), 1956, Coleção do Artista.

Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra65684/um-dia-de-vento> Acesso em 09/12/2019



Figura 29: *Atravessando duas vezes o mesmo rio*, Evandro Carlos Jardim, 2011.

Fonte: <https://jornal.usp.br/cultura/evandro-carlos-jardim-observa-a-gravura-na-arte-contemporanea/> Acesso em 09/12/2019

## UMA ANÁLISE DAS OBRAS DE EVANDRO CARLOS JARDIM PARA *CRIME E CASTIGO*

Sobre a análise das ilustrações de Evandro Carlos Jardim nesta monografia, representadas logo a seguir. Todas as imagens que se encontram no livro *Crime e Castigo*, publicado em 2001 pela Editora 34 foram analisadas junto ao texto. Em um primeiro momento, foi feita a leitura do livro avulsa a qualquer análise explícita do contexto em que foram inseridas, e foram vistas com um olhar imparcial que qualquer outro leitor despretenhoso desta edição teria. Em um segundo momento para incluir a descrição delas e minha visão de sua utilização, passei a olhá-las de uma maneira mais específica e técnica; como Jardim utilizou seus traços?, por que escolheu tal obra em determinado lugar narrativo do livro?, qual a técnica que utilizou e o que quis enfatizar através de sua ilustração? Foram as perguntas que fiz ao que via. Para explicitá-las a seguir escaneei as imagens e adicionei as legendas de uma maneira padronizada, deixando claro que se trata de uma impressão em *of set*. As demais ilustrações presentes nesta monografia, como pode ser visto em suas fontes, foram retiradas da internet. Algo que me ajudou muito no processo de análise de todas elas foram não só as referências citadas, Carlo Ginzburg e Jorge Coli, pautados nos estudos de Aby Warburg, mas também, a aula do semestre letivo em que apresento esta monografia, com meu professor orientador Alex Miyoshi, chamada em sua forma resumida de “Como ler imagens?”, uma matéria em que aprendemos a interpretar e sinalizar os aspectos importantes não só de obras de arte bidimensionais como pinturas, pôsteres e desenhos, mas até mesmo de autores como Julio Cortázar e o seu conto *Las Babas Del Diablo*, conto que inspirou o filme *Blow-Up*, de Michelangelo Antonioni, 1967. Fora todas essas influências, tivemos alheio a qualquer aula presente no curriculum do curso de Artes Visuais, reuniões que serviram como um grupo de estudos relacionados a história da arte e arte em geral, também gerenciado e conduzido pelo prof. Alex Miyoshi que reuniu algumas pessoas para que tal conversa acontecesse esporadicamente pelo semestre, quando o horário de todos convergia para nossos encontros. Seguem em ordem correspondente a sua aparição no livro, previamente a sua análise, as obras do artista foco, Evandro Carlos Jardim, que ilustram e compõem a poética, clima e atmosfera desta versão de *Crime e Castigo* e em seguida sua análise:



Reprodução de calco gravura em *offset*, 15,5 x 25,5cm. In: Dostoiévski, *Crime e Castigo*, página 21.

Em sua primeira gravura para o livro de Dostoiévski, localizada na página 21, Jardim flerta com a abstração, por meio de traços e manchas. Através deles, embora represente figuras humanas, é a despersonalização proporcionada pelo artifício das formas livres que as tornam sem identidade, amontoadas, seguindo aparentemente em uma só direção, algumas talvez de cabeça baixa. São às vezes borrões disformes, alguns marcados de maneira forte e objetiva, enquanto outros, mais leves, apenas se deixam levar por desenhos gestuais. Sua ilustração como que abraça o texto de Dostoiévski e, assim como o texto, abraça o que se passa no coração do protagonista, Raskolnikov. A gravura representa, juntamente com o texto, o desligamento do mundo exterior. Diz respeito também a como os problemas de Raskolnikov o fazem se abster para o que acontece à sua volta, de como tudo mais não lhe tem importância. O protagonista é introspectivo e acredita estar só, ser único, diferente de todos aqueles que julga serem menores, inferiores.

“...Caminhava pela calçada como um bêbado, sem notar os transeuntes e esbarrando neles, e só deu conta quando já estava na rua seguinte.” (DOSTOIÉVSKI, 2009)



Seria possível comparar a ilustração da página 21 com inúmeras outras da história da arte, algumas delas, por exemplo, de Honoré Daumier, que também preservam algo de um agrupamento de pessoas que se deslocam cabisbaixas, como nas célebres imagens que representam refugiados e migrantes.



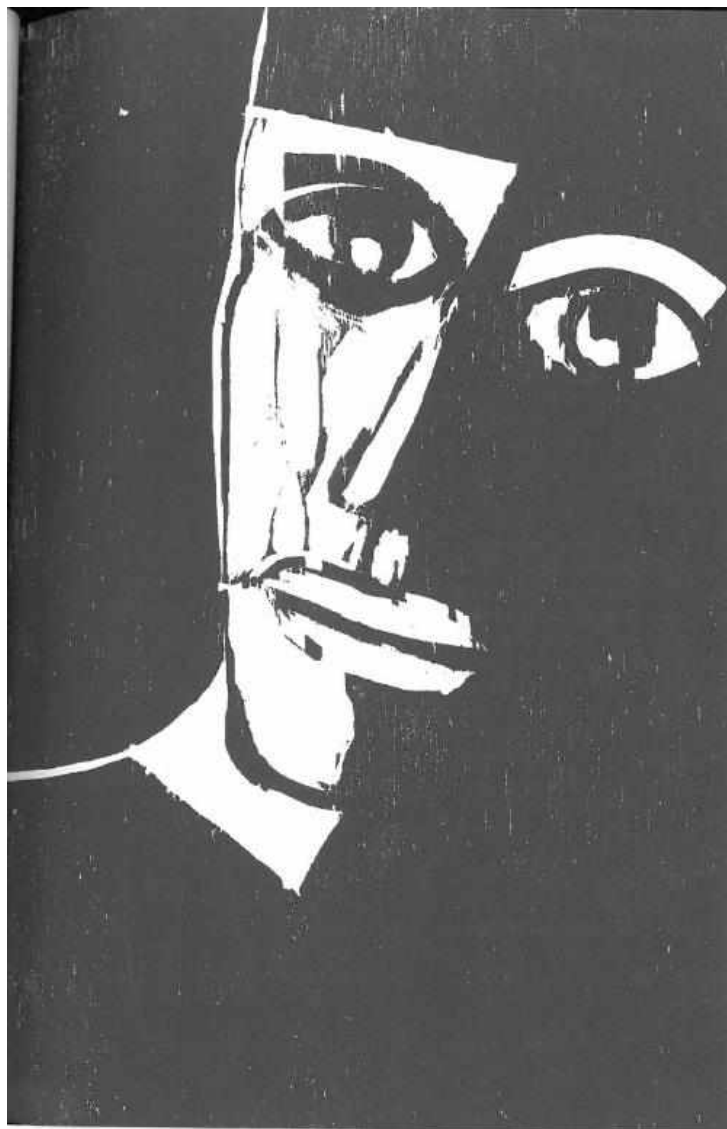
Figura 18: Honoré Daumier, *Os emigrantes*, c.1855, gesso, 37 x 77 cm, MASP, São Paulo.

Fonte: Site do MASP



Figura 19: Honoré Daumier, *Emigrantes*, 1849, óleo sobre tela, 38,7 x 68,5 cm, Institut of Art, Minneapolis.

Fonte: [www.babelio.com](http://www.babelio.com) Acesso em 09/12/2019



Reprodução de Xilogravura em *off set* de Jardim, 15,5 x 25,5cm. In: Dostoiévski, *Crime e Castigo*, página 105.

A segunda ilustração para *Crime e Castigo*, localizada na página 105, é uma xilogravura que representa a cabeça de uma figura humana com feições rígidas, sem esboçar uma emoção precisa. A figura se faz neutra, pensativa, e a iluminação que compõe a gravura nos mostra alguém dividido entre a luz e a escuridão, com a predominância da última. Neste momento, no livro, Raskolnikov se vê impactado, traumatizado, estupefato pelo assassinato que acabou de cometer, inseguro e atento, com medo de estar delirando. Em acordo com diversos estudos sobre a obra de Dostoiévski, é possível interpretar a gravura de Jardim como uma representação não só do próprio protagonista como também de seu nome. Raskolnikov evoca a palavra “*Raskolnik*”, que significa “cisão”, “cisma” ou “divisão”, “separação”, “contraste”. Seu nome reforça, portanto, a sina de um homem que se vê dividido em diversos momentos da trama,

especialmente após cometer um latrocínio e um homicídio não planejado. Suas ídoles e ideias sobre como julgar e ser julgado são conflitantes? Ou apenas houve um resultado inesperado e o medo é derivado do receio de ser pego?

“Permaneceu muito tempo deitado. Vez por outra parecia que ia despertar, e nesses instantes notava que há muito já era noite, mas levantar-se não lhe passava pela cabeça(...) Estava de bruços no sofá, ainda estupefato com os recentes acontecimentos.” (DOSTOIÉVSKI, 2009)



Figura 20: Sem título, Lasar Segall, Xilogravura, 23 x 29 cm.

Fonte: Wikipédia Acesso em 09/12/2019



Figura 21: Ismael Nery, Figura, 1927, óleo sobre tela, 105 x 69,2cm, MAC-USP, São Paulo.

Fonte: Wikipédia Acesso em 09/12/2019

A ilustração de Jardim foge mais uma vez das ilustrações convencionais de *Crime e Castigo*, enfatizando em *close* o rosto de um indivíduo que, afinal, pode ser qualquer um de nós. Não obstante esse aspecto mais incomum, tem por outro lado correspondência formal com obras de cunho cubo-expressionista do início do século XX, tais como as inspiradas na famosa máscara africana de André Derain, que também motivou *Les demoiselles d'Avignon*, de Picasso. Para além delas, pode-se evocar ainda trabalhos de Lasar Segall, em particular *Mulheres errantes*, bem como de Ismael Nery, dentre outros.



Reprodução de calco gravura em *off set*, 15,5 x 25,5cm. In: Dostoiévski, *Crime e Castigo*, página 201.

A ilustração seguinte de Jardim, na página 201, delineia nitidamente o perfil de uma mulher. Acredito que o artista compôs a figura feminina com a intenção de evocar a personagem Sônia, filha de Catierina, uma menina que é retratada como um anjo, inteligente, doce e responsável. Uma menina que se prostitui para auxiliar financeiramente sua família, que põs a madrastra aos joelhos após sacrificar a virgindade para dar a ela e ao seu pai, Marmieladov, um bêbado, 30 rublos. Ela é utilizada no livro como o arquétipo da “donzela em perigo”, em minha opinião, aquela figura que demonstra uma fraqueza física, que move a trama e principalmente

o protagonista. Porém, ela age também como um importante fator na redenção de Raskolnikov. Através dela ele vê que a devoção e a paixão ainda podem lhe salvar a vida. Após uma conversa e a constatação da personalidade angelical de Sônia e de sua devoção à Raskolnikov, ele decide dar um basta aos tormentos acometidos por si próprio. Os traços de Sônia na ilustração de Jardim, representam um rosto misterioso, devido talvez também à sua ocupação profissional, vestindo o que eu imagino ser um vestido. Há uma concentração de tinta no rosto e nos cabelos, e o entorno desse núcleo se mostra leve e solto. A identidade de Sônia é protegida, pelo menos na arte que a ilustra.

“Basta! – pronunciou em tom decidido e solene. – Fora as miragens, fora os falsos temores, fora os fantasmas!.... Existe vida! Por acaso não acabei de viver? Minha vida não morreu com a vetusta velha! Que fique com o reino dos céus – e basta, já era tempo de descansar! Agora o reino da razão e da luz e... da vontade, e da força... agora vamos ver! (...) O orgulho e a autoconfiança cresciam nele a cada instante; no instante seguinte já não era o mesmo homem do instante anterior.” (DOSTOIÉVSKI, 2009)

Vemos também uma semelhança no modo que Jardim trabalha os traços da mulher desta gravura com a figura a seguir, que possui uma composição de cena e uma mistura de técnicas pouco usual, xilogravura com calco gravura, evocando um aspecto “atemporal” comum a diversos trabalhos de sua autoria. Pode-se especular que talvez esta personagem seja alguém querida a Jardim, como sua esposa, pois a figura dela se encontra reproduzida em diversos outros trabalhos do artista.



Figura 22: Dante Gabriel Rossetti, Perfil de cabeça de mulher, 1861, desenho, V&A Museum, Londres.

Fonte: V&A Images / Alamy Stock Photo Acesso em 09/12/2019



Figura 23: Dante Gabriel Rossetti, Retrato de Jane Morris, 1865, desenho, 31,5 x 34,5 cm, coleção particular.

Fonte: <https://liverpoolmuseums.org.uk/walker/exhibitions/rossetti/works/morris/janemorris.aspx> Acesso em 09/12/2019



Figura 24: Dante Gabriel Rossetti, Perfil de Elizabeth Sidall, desenho, Birmingham Museum.

Fonte: <https://pubhist.com/w24526> Acesso em 09/12/2019



Figura 25: Dante Gabriel Rossetti, Estudo da cabeça de Marie Spartali Stillman, desenho, 1870, 54 x 61 cm.

Fonte: <https://mutualart.com/Artwork/Head-study-of-Marie-Spartali-Stillman--1/6F294E31D8B8DCE8> Acesso em 09/12/2019



O mistério e a candura da ilustração de Jardim têm paralelo em retratos femininos na história da arte. No século XIX, por exemplo, os desenhos de Dante Gabriel Rossetti, membro dos pré-rafaelitas ingleses, interessados em explorar a feminilidade dividida entre a pureza e a autoconsciência, entre doçura e inquietação, exploram o fascínio exercido pela beleza do rosto de uma mulher. O classicismo evocado pelas linhas que traçam nariz e lábios se conjuga ao realismo conclamado pelo grupo, pois quase sempre é possível identificar as modelos. No perfil de Sônia gravado por Jardim, no entanto, assim como no que entendo ser o retrato de Raskolnikov, busca-se a despersonalização para que o leitor possa também aplicar as questões debatidas no livro a qualquer pessoa. Nesse ponto, mais uma vez, o trabalho de Jardim destoa da iconografia ao famoso romance e ao mesmo tempo se insere fortemente na tradição histórico-artística internacional.



Reprodução de calcogravura em *offset*, 15,5 x 25,5cm. In: Dostoiévski, *Crime e Castigo*, página 280.

Na gravura em metal da página 280, a presença de manchas e uma concentração de tinta preta para criar um contraste com o ponto central superior branco que pode simbolizar a lua, juntamente com as marcas da impressão perceptíveis e que tornam, em minha opinião, a imagem mais visceral, assim como é a cena que ela ilustra. Raskolnikov é acusado pelo assassinato que cometeu, por um completo estranho, alguém que aparece em seu prédio, fazendo perguntas sobre um estudante ao porteiro, e assim que ele chega ao local e o porteiro exclama que o próprio estava ali, a figura misteriosa vai embora. Raskolnikov, determinado em saber quem o está procurando e por quais motivos, segue este homem que possui traços femininos, lado a lado, e por um minuto nenhum dos dois falam nada. Através de um ímpeto de coragem, mas com as pernas moles, ele decide perguntar à figura suas intenções e após uma tentativa não respondida, ela finalmente fala, e em tom baixo e claro apenas exclama:

“Assassino!” Visto que foi descoberto, mas ainda incrédulo, ele tenta se fazer de desentendido, acaba voltando pra sua casa e sucumbe em escuridão, com diversas perguntas não respondidas que faz a si mesmo. Deita-se em seu divã e começa a citar, balbuciante, os feitos de Napoleão, seu ídolo, alguém com quem se identifica. A gravura, em minha opinião, ilustra de maneira relativamente abstrata o que este sucumbir evoca, de como a mente de Raskolnikov está imersa em manchas negras, em questões não resolvidas, e imperativamente inquieta. Com apenas a luz da lua presente, a luz de sua constatação óbvia, ele se atenua para o que fez e se vê no direito de ter cometido o assassinato da velha que tanto desprezava: havia um motivo, e ele se justificava com certa facilidade pelo que fez, se sentindo bem, não escondendo que queria fazê-lo, fez porque fez, porque precisava. Isto evoca outro conceito que o protagonista leva consigo, o de que alguns crimes são justificáveis dadas as condições em que o sujeito que os comete é colocado. Raskolnikov não queria mais se matar por tostões, ou parasitar a mesada que sua mãe recebia do governo; logo, justifica-se o crime, visto que, para ele, a velha não era nada mais que um “piolho estético”, e ele, conhecendo a si próprio, se considerava superior, não só superior a ela mas superior também à maioria daqueles que o cercam, por ser inteligente e egocêntrico, assim como aquele a quem venera, Napoleão.

“A velhusca foi um absurdo! – pensava com ardor e ímpeto – a velha vai ver que foi mesmo um erro, mas não é nela que está a questão! A velha foi apenas uma doença... eu queria ultrapassar o limite o quanto antes... eu não matei uma pessoa, eu matei um princípio! Foi o princípio que eu matei, mas além eu não fui, permaneci do lado de cá... O único que soube fazer foi matar. Demais, nem isso eu soube, como se está verificando o princípio?” (DOSTOIÉVSKI, 2009)



Figura 26: Odilon Redon, Um olho flutuante no céu sobre a montanha, gravura em metal, 1888.

Fonte: <https://pixels.com/featured/an-eye-floating-in-the-sky-above-a-mountain-1888-odilon-redon.html>

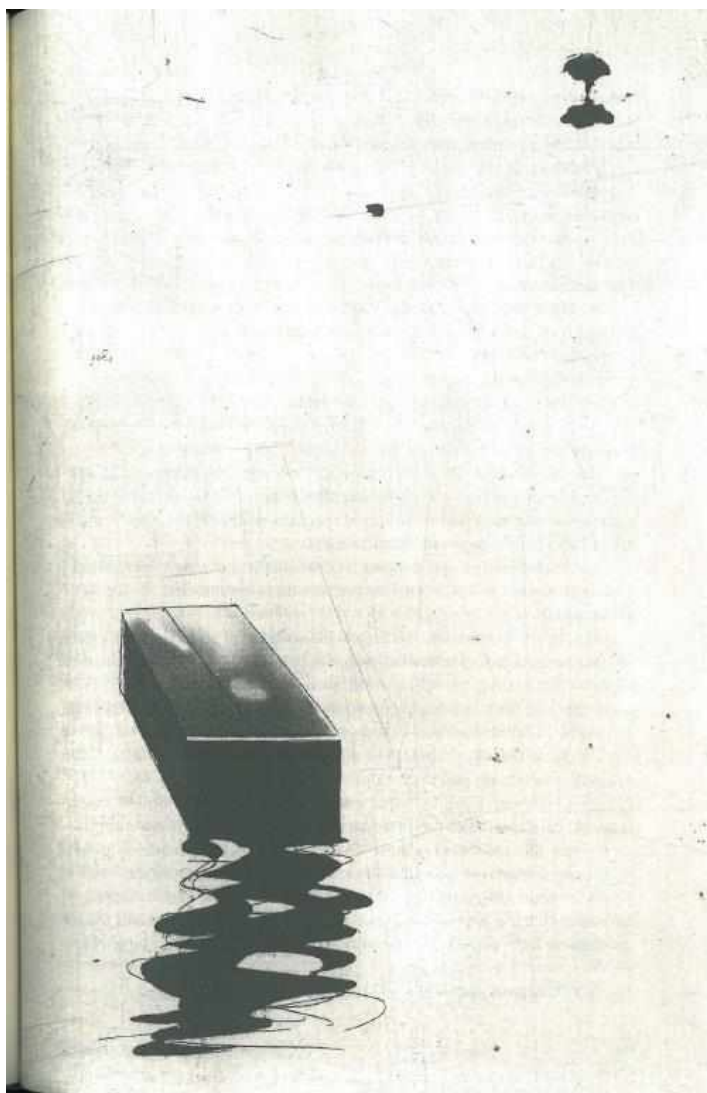
Acesso em 09/12/2019



Figura 27: Odilon Redon, Olho vegetal, c.1885, desenho.

Fonte: <https://www.menil.org/collection/objects/1680-the-vegetal-eye-l-oeil-vegetal> Acesso em 09/12/2019

Mistério e vigilância também podem ser evocados por essa gravura de Jardim, que encontra mais uma vez ressonância em imagens do século XIX e XX, em particular do simbolismo. Odilon Redon foi talvez o mais profícuo criador nesse campo, representando um grande globo ocular pairando contra um fundo que o destaca, figuração de uma espécie de sonho ou devaneio ameaçador.

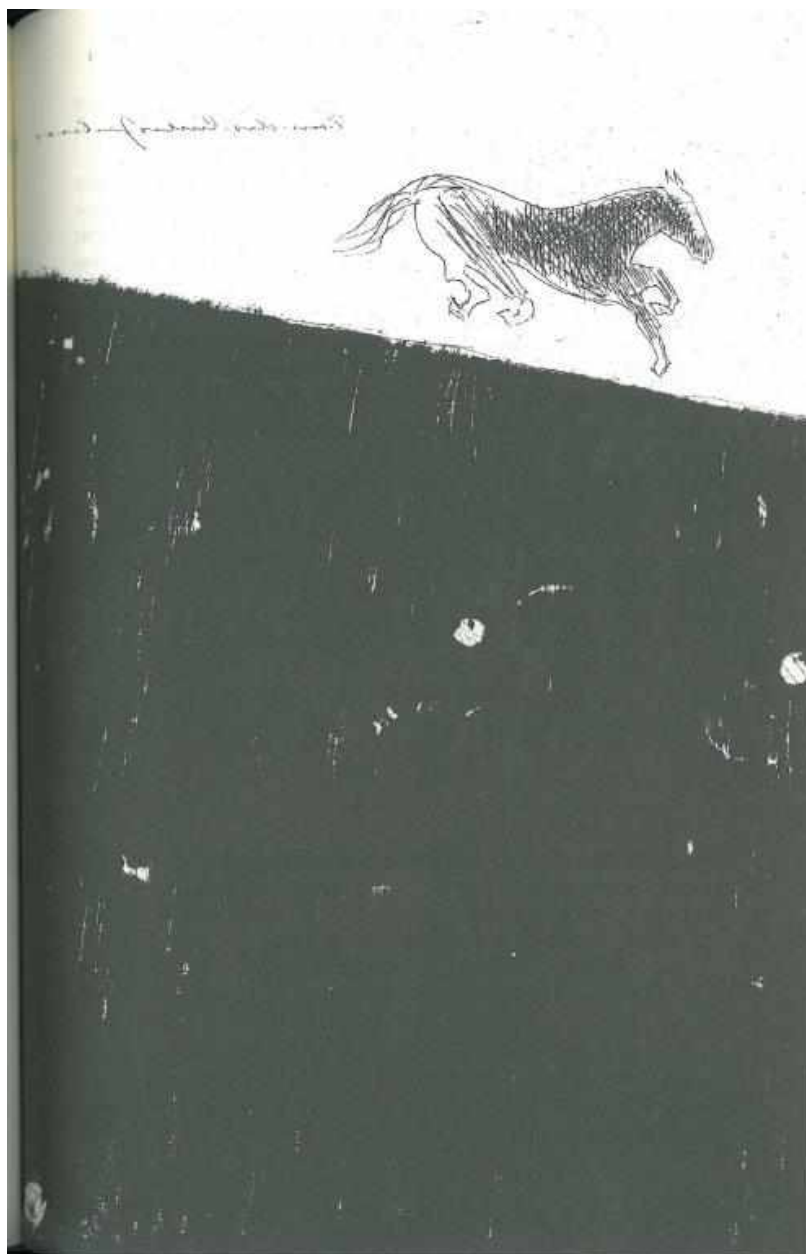


Reprodução de calcogravura em *off set*, 15,5 x 25,5cm. In: Dostoiévski, *Crime e Castigo*, página 331.

A gravura que se encontra na página 331, por sua vez, ilustra o momento em que Raskolnikov após muito tempo encontra-se com Sônia, visitando-a em sua casa. Nesta conversa, ele de certa maneira interroga a personagem que agora vive sozinha, sem sua

madrasta e após seu pai falecer, Sônia mora em frente a um canal, em um quarto relativamente grande, desnivelado, com três grandes janelas que dão de cara para as águas do canal. Sônia não se sente nem um pouco confortável com tudo que ouve. Para Raskolnikov, penso que Sônia represente a figura religiosa de Maria, e acredita que possa se confessar para ela. Ele até mesmo se ajoelha e beija seus pés, ou tenta fazê-lo. Ele diz, ao se ajoelhar e ver a recusa de Sônia, assustada; “- Eu não me inclinei perante ti, eu me inclinei perante a todo o sofrimento humano.” (DOSTOIÉVSKI, 2009). Após tantos acontecimentos e em meio a conversa que tem com Sônia, ele se pega pensando no motivo de ela não ter se jogado ao canal até então, após tanto sofrimento, e acaba dando a ela, em sua mente, três opções: se jogar no canal, ir para um manicômio ou seguir a vida da prostituição, abraçando um destino, para ele, fétido. Por isso, nesta ilustração, vemos o que aparenta ser um caixão, em águas calmas, talvez seguindo em direção a uma árvore. Acredito que isso simboliza uma das opções dadas por Raskolnikov. Existe a predominância do branco, da falta de pigmento na gravura, e esta imagem tende a ser parte daquelas que ilustram mais o que é dito em texto por meio de poucos elementos, quase minimalista.

“Ela tem três saídas – pensava ele – atirar-se no canal, ir para um manicômio ou ... finalmente entregar-se à perversão, que entorpece a razão e petrifica o coração. A última ideia era a mais abominável para ele; mas ele já era cético, era jovem, dado a abstrações e, portanto, cruel e por isso não podia deixar de crer que a última, ou seja, a perversão fosse a mais provável.” (DOSTOIÉVSKI, 2009)



Reprodução de calco gravura em *off set*, 15,5 x 25,5cm. In: Dostoiévski, *Crime e Castigo*, página 365.

Dotada de uma enorme concentração de pigmento na maior parte de sua superfície, a imagem da página 365 representa um equino galopando da esquerda para a direita. Esta gravura em metal possui algum tipo de assinatura, ou texto escrito nela, não muito legível. Porém, representa, em minha interpretação, o coração de Raskolnikov, dado o momento em que é inserida no livro. Logo após o pintor Nikolai confessar o crime que não cometeu, o assassinato das irmãs Alena e Izaveta Ivanovna, Raskolnikov se vê com pelo menos o restante de seu dia sem ameaças, agora despreocupado mesmo que temporariamente em ser preso. No entanto, sabendo ser o culpado pelos assassinatos que cometeu, ele corre para sua casa, assim como o

cavalo representado e, neste momento de euforia, pelo que acabara de acontecer, sem saber o porquê de ter acontecido, ou como veio a acontecer, ele consegue se sentir seguro. É sabido que como inspiração para Evandro Carlos Jardim e muitos outros artistas, têm-se como referência Wassily Kandinsky: vemos uma certa semelhança principalmente com o célebre *Cavaleiro azul*, de 1903. Nesta obra, Kandinsky cria uma conexão estilística com o universo impressionista, particularmente evidente devido aos contrastes de claro e escuro. Este tema, o cavaleiro cavalgando, foi uma maneira de representar certa resistência aos aspectos convencionais estéticos impostos e também mais pura e espiritual de se representar a vida através da arte.



Figura 28: The Blue Rider, Kandinsky, 1903, Óleo sobre tela, 52.1 × 54.6 cm.

Fonte: <https://www.wassily-kandinsky.org/The-Blue-Rider.jsp> Acesso em 09/12/2019

“Raskolnikov foi diretamente para casa. Estava tão esfalfado e embaraçado que, já tendo chegado em casa e se atirado no sofá, passou um quarto de hora sentado só repousando e procurando juntar as ideias ainda que minimamente. Nem ficou a pensar sobre Nikolai: sentia-se estupefato: percebia que na confissão de Nikolai havia qualquer coisa de inexplicável, de surpreendente, ...” (DOSTOIÉVSKI, 2009)

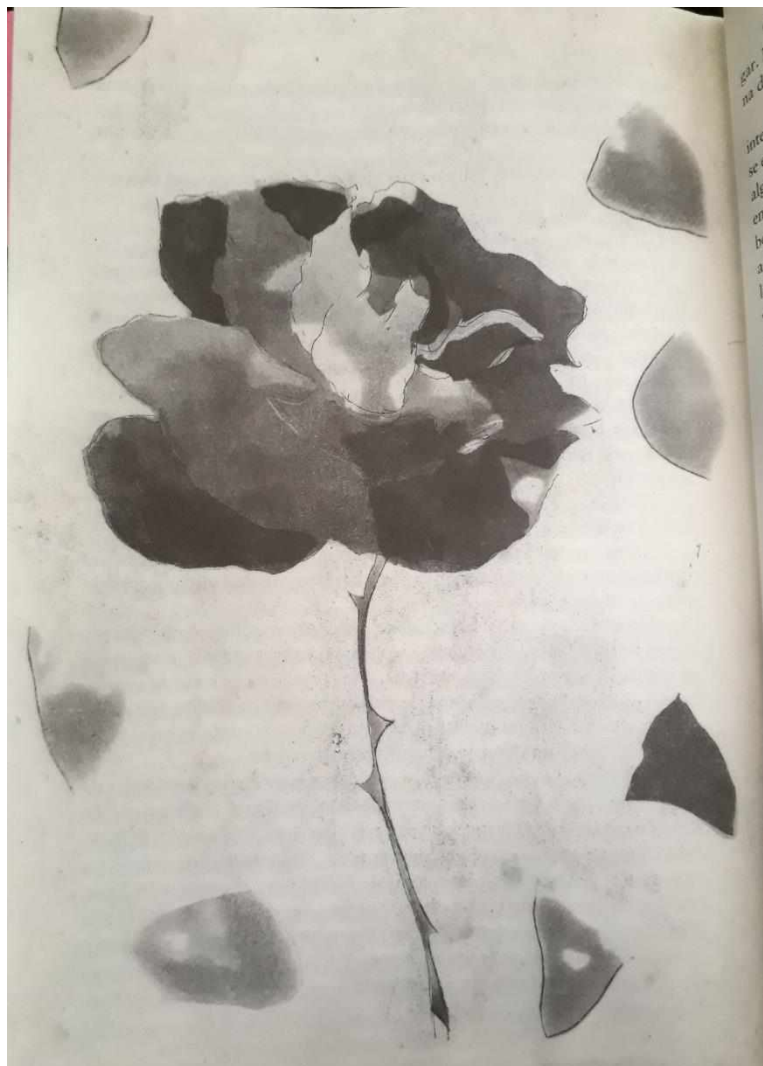




Reprodução de Xilogravura em *off set* de Jardim, 15,5 x 25,5cm. In: Dostoiévski, *Crime e Castigo*, página 525.

As gravuras seguintes estão bem perto umas das outras no final do livro de Dostoiévski, talvez devido a estar caminhando para seu fim. O tom do livro acaba ficando mais dramático, vemos o personagem se “*rastejando*” devido a tudo que acontece. A gravura que se localiza na página 525 representa gotas de chuva em um fundo preto. Sabemos disto pois o fato é descrito rapidamente por Raskolnikov (agora chamado quase sempre por seu apelido, Ródia, pois tem diálogos com pessoas que lhe são íntimas), que havia pego uma chuva, por isto sua aparência era tão deplorável. “(...) *A roupa dele estava um horror; tudo sujo, depois de passar a noite inteira debaixo de chuva, esfarrapado, surrado*” (DOSTOIEVSKY, 2009) Temos esta passagem e um pouco mais à frente, no texto, em uma conversa com sua mãe, tenta começar a

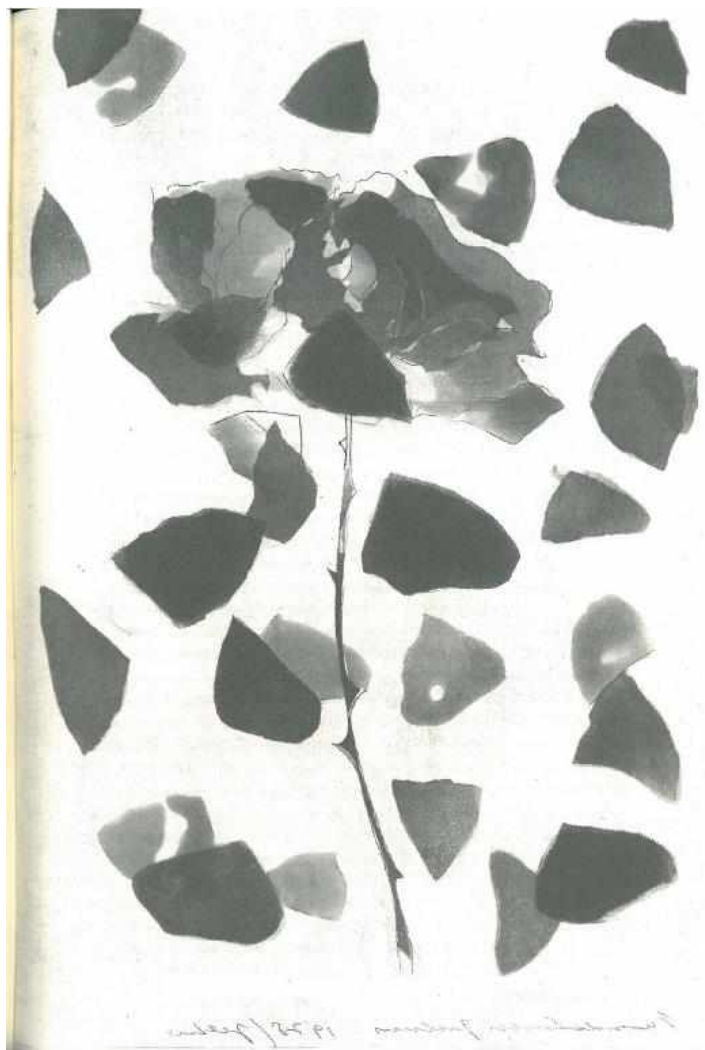
lhe explicar o porquê de sua aparência, não consegue fazê-lo pois ela já não o vê há muito tempo, mal o deixa falar e se desboca a falar por qualquer motivo; sentimos, ao ler, a ansiedade de conversar com seu filho. Ródia decidiu por se entregar, e agora decide contar à sua mãe que vai partir, se entregar naquela época era um sinônimo de morte em alguns aspectos, ele seria preso, enviado para trabalhar em uma zona inóspita, sabe-se lá o que mais poderia lhe acontecer. O clima do livro deixou de ser tenso e passa a representar o espírito, agora quebrado, de Raskolnikov. Após conversar com sua mãe e a deixar, sem dizer com todas as palavras o motivo de partir, ciente do que irá acontecer, ele decide por ir embora e encontra-se com sua irmã, Dúnia, conversando com ela temos um momento muito poderoso do livro, após sua irmã dar a entender que ele irá confessar seu crime, ele decide explodir em sinceridade, e diz *“Crime? Que crime? – gritou ele subitamente, caindo em repentina fúria. – O fato de eu haver matado um piolho nojento, nocivo, uma velhota usurária, que não faz falta a ninguém? Quem mata esse ladrão tem cem anos de perdão! Que sugava a seiva dos pobres, isso lá é crime? Não penso nele nem em apagá-lo. E que história é essa de ficarem me apontando de todos os lados: “Crime, Crime!”.* Só agora vejo com clareza todo o absurdo da minha pusilanimidade, agora que me resolvi assumir esta desnecessária vergonha! É simplesmente por minha baixaza e mediocridade que me resolvo, sim, e ainda pela vantagem, como me propôs esse... Porfiri!...” (DOSTOIÉVSKI, 2009). Vemos que ele sofre por outras razões, não existe motivo para repensar o que fez com a velha usurária, muito menos motivo para ser punido. O que lhe acomete dor é o que não foi planejado, matar a irmã daquela senhora, uma pessoa que via como seu igual, alguém que não via como piolho e que representava algo como uma luz.



Reprodução de calco gravura em *offset*, 15,5 x 25,5cm. In: Dostoiévski, *Crime e Castigo*, página 532.

A primeira rosa se encontra na página 532. Evandro Carlos Jardim a utiliza antes do epílogo do livro. A rosa está se despedaçando, porém ainda de pé, suas pétalas são representadas através de manchas na gravura, e caem aos poucos, lentamente. Gosto de acreditar que esta rosa simboliza o protagonista, visto que, no capítulo em que se encontra, tem muito a ver com o despedaçar que representa. Nesta parte do livro, Raskolnikov percebe como Sônia é devota a ele, e o ama, não de uma maneira carnal, mas uma espécie de amor religioso e maternal. Vemos Sônia como a figura de uma santa aconselhadora, e ela mesmo deixa claro a Raskolnikov como ele conseguiria seu perdão, a maneira de expiar seus pecados: *“Eis que se lembrou das palavras de Sônia: ‘Vai a um cruzamento, faz uma reverência ao povo, beija a terra, porque pecaste também perante ela, e diz a todo mundo em voz alta: ‘Eu sou um assassino!’”* (DOSTOIÉVSKI, 2009). Antes deste momento poderoso, em que Ródia se lembrara das

palavras de Sônia, ele a havia visto em sua casa, para receber dela duas cruzes, uma para a velha usurária e outra para Lisavieta, ele estava a caminho de se entregar na delegacia, estava em um frenesi tamanho que não havia se despedido dela, se remói por dentro mas continua seu caminho. Ela o segue de longe, ele a vê após se ajoelhar e quase completar o que ela havia o dito para fazer, não teve coragem de gritar aos plenos pulmões o crime que havia cometido para todos que o zombavam na praça em que se encontrava. As pessoas o tomaram como um bêbado. Tendo a visto, ele se direcionou para a delegacia, não encontrou nenhuma das pessoas para quem pretendia se confessar. Ele desiste, e ao descer as escadas, vê Sônia, ele muda de opinião novamente, e decide contar a Illiá Pietróvitch seu crime. “- *Fui eu que matei com um machado a velha viúva do funcionário e sua irmã Lisavieta e a roubei.*” (DOSTOIÉVSKI, 2009).



Reprodução de calco gravura em *off set*, 15,5 x 25,5cm. In: Dostoiévski, *Crime e Castigo*, página 545.

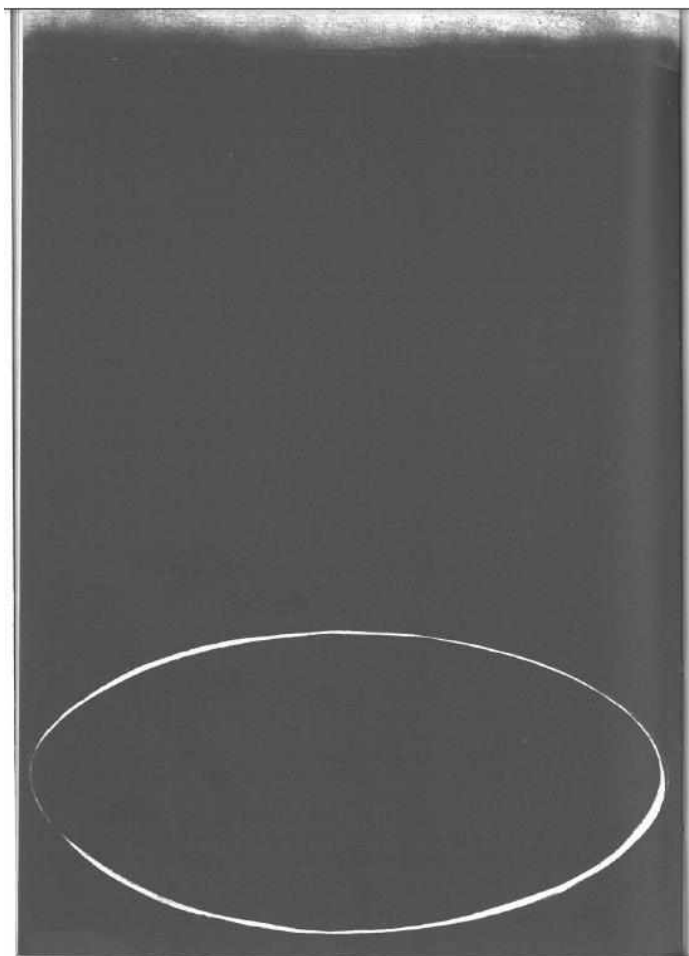
A segunda rosa surge pouco após a confissão de Raskolnikov, no epílogo do livro, na página 545, uma flor magra, diferente da anterior e mais despedaçada. Agora, após sua confissão definitiva, é descrito todo o processo da prisão de Raskolnikov, sua sentença de 8 anos, condenando a trabalho forçado na Sibéria, benevolente, pois foi reduzida devido a testemunhos que provavam seu envolvimento não só no salvamento de duas crianças em um incêndio, como também por cuidar de um colega de faculdade tuberculoso, e de seu pai, ambos até à morte, e de dar uma sepultura a ele, fora todos os fatos que comprovaram que ele não havia usado o dinheiro roubado.



Reprodução de calco gravura em *off set*, 15,5 x 25,5cm. In: Dostoiévski, *Crime e Castigo*, página 551.

Dando seguimento à narrativa das imagens e em acordo com o texto, localizada na página 551, através da gravura em metal temos a representação de uma mão, sobrepondo as pétalas caídas da rosa que já vinha sendo representada se decompondo, despedaçando, nas duas imagens anteriores. Acredito que a escolha de tal obra representa Raskolnikov recolhendo seus pedaços, lutando ainda por quem é. É narrado que, enquanto paga sua sentença para com a justiça, isolado na Sibéria, os outros personagens continuam com suas vidas, e já esperam pelo seu retorno lembrando do mesmo. Sua irmã e melhor amigo, Razumikin, se casam, e pretendem se mudar para os arredores do local em que foi preso, Sibéria. Sabemos que o protagonista passa a trocar correspondências com Sônia, e através delas acaba descobrindo que sua mãe adoece e

morre, deduzindo tal fato pela maneira como Sônia fala dela. Ela também respondia para Raskolnikov em nome de seu melhor amigo e aos poucos passou a visita-lo em seu cárcere. A princípio Ródia se demonstra fechado e recluso, grosseiro e não fala muito, dado não só pelo o que aconteceu com sua querida mãe, mas vemos também que seu espírito é quebrado cada vez mais pagando pelos crimes que cometeu. Pode-se assumir que Raskolnikov adocece mentalmente, e agora depressivo, emagrece, e sua aparência muda muito, teve até mesmo seus cabelos raspados quando admitido no complexo que é enclausurado. A rosa, seu coração, espírito, força de vontade, como queira chamar, pode ter se despedaçado, mas ainda vemos alguém que perdura e não cede a tanta tristeza.



Reprodução de calco gravura em *off set*, 15,5 x 25,5cm. In: Dostoiévski, *Crime e Castigo*, página 560.

A última gravura do livro, localizada na página 560, é sucinta e condizente com o final, a redenção de Raskolnikov. O protagonista finalmente demonstra seu amor por Sônia, tem suas esperanças reestabelecidas e se exime de seus pecados. O poder do final de *Crime e Castigo* está justamente em frisar que, independente da personalidade do criminoso e da gravidade do crime, independente do julgamento e de como o público o vê, quem se exime de verdade e quem se dá a chance de viver consigo mesmo é o próprio criminoso. Não interessa mais se Raskolnikov é religioso, ou se ele não se vê realmente culpado pela morte da velha usurária, pelo roubo dos rublos em sua casa. Ele já se atormentou e se entregou, agora o que importa é se ele será capaz de conviver consigo mesmo, e através do amor de Sônia ele vê luz. O círculo branco em escorço, representado por Evandro Carlos Jardim em um fundo preto, como uma espécie de anel, mostra em minha opinião a possibilidade de redenção, o início de uma restituição na sociedade e de um auto aceitamento, de renovação, de um ciclo acabado e outro que se inicia, lembrando também as auréolas representadas em santos e anjos.



## CONCLUSÃO

Um assunto denso como o de *Crime e Castigo* é uma fonte inesgotável para diversos artistas. Percebe-se que muitas ilustrações a essa obra parecem buscar seguir mais ou menos literalmente a narrativa do romance, mas a intermediação da criatividade do ilustrador é fundamental na interpretação da fonte literária e na criação de novos sentidos.

De todos os ilustradores analisados, Evandro Carlos Jardim produziu o trabalho mais singular, pois não recorreu às soluções comuns de vestimentas, cenas e arquiteturas supostamente típicas às personagens e realidade russas, como fizeram seus colegas. Jardim se afastou das soluções pitorescas. Suas gravuras concentram-se em partes do corpo humano (a cabeça, uma mão), em elementos singelos (uma caixa, um cavalo, pétalas de uma flor), quase arquetípicos. No caso das figuras humanas, abre mão até mesmo de uma representação marcadamente binária, isto é, de representar Raskolnikov e Sônia com semblantes parecidos, de modo a formar um claro casal. Nem mesmo empregou técnicas de gravura similares nesses casos, optando por xilo em um e metal no outro, compondo rostos extremamente distintos. Com isso, enfatizou o drama individual de cada personagem, que o vive em si, bem como o seu alienamento do mundo. Assim, Jardim também universalizou ainda mais a história já universal contada por Dostoiévski.

Toda ilustração tem, por princípio, converter da melhor forma as imagens literárias em imagens visuais. Porém, no caso de Evandro Carlos Jardim, percebe-se que foi possível explorar um potencial artístico que, ao mesmo tempo sendo singelo e minimalista, complementa muito a experiência do leitor, de maneira particularmente poética.

## REFERÊNCIAS

COLI, Jorge. **O corpo da liberdade**: reflexões sobre a pintura do século XIX. São Paulo: Cosacnaify, 2010.

DÓRIA, Renato Palumbo. **Oswaldo Goeldi, Ilustrador de Dostoievsky**. Dissertação de Mestrado em História da Arte. Campinas: IFCH Unicamp, 1998.

BORGES MENDES, Paula Cecília. **CIDADE, CRIME E CASTIGO: Uma leitura da modernidade em Dostoievsky**. Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Ciências Humanas. Uberlândia: UFU, 2017.

GINZBURG, Carlo. **Medo, reverência, terror**: ensaios de iconografia política. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BUENO, Luís. Capas de Santa Rosa. São Paulo: Edições Sesc São Paulo e Ateliê Editorial, 2015

<https://www.escriitoridearte.com/artista/evandro-carlos-jardim> - Acessado em: 27/11/2019

<https://jornal.usp.br/cultura/evandro-carlos-jardim-observa-a-gravura-na-arte-contemporanea/>  
Acessado em: 27/11/2019

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Crime e Castigo**. São Paulo: Editora 34, 2001.

<https://brierhillgallery.com/benjamin-kopman> - Acessado em: 27/11/2019

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Tom%C3%A1s\\_Santa\\_Rosa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tom%C3%A1s_Santa_Rosa) - Acessado em: 27/11/2019